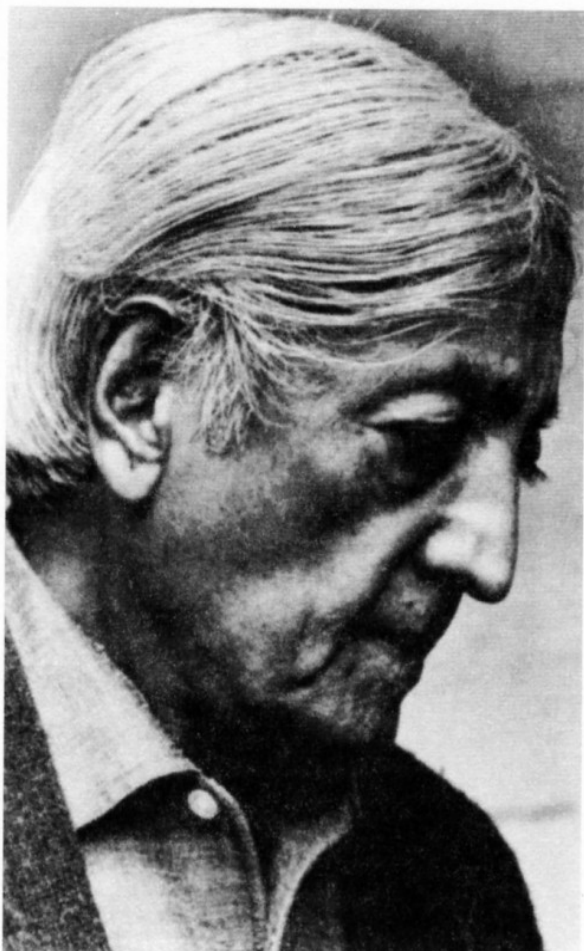


The background of the entire page is an underwater photograph. It shows a large school of fish, possibly sardines or anchovies, swimming in clear, sunlit blue water. The fish are concentrated in the upper half of the image, with some visible in the lower half. The lighting creates a shimmering effect on the water's surface and the fish's scales.

# NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI

Boletim 53  
2015



**Jiddu Krishnamurti** nasceu na Índia em 1895. Com a idade de 13 anos passou a ser educado pela Sociedade Teosófica, que o considerava um dos grandes Mestres do mundo. Krishnamurti em breve viria a emergir como um Mestre extraordinário e inteiramente descomprometido, tendo abandonado aquela organização em 1929. As suas palestras e escritos não se ligam a nenhuma religião específica nem pertencem ao Oriente ou ao Ocidente, mas sim ao mundo na sua globalidade:

*“Afirmo que a Verdade é uma terra sem caminho. O homem não pode atingi-la por intermédio de nenhuma organização, de nenhum credo (...) Tem de encontrá-la através do espelho do relacionamento, através da compreensão dos conteúdos da sua própria mente, através da observação. (...)”*

Durante o resto da sua existência, foi rejeitando insistentemente o estatuto de guia espiritual que alguns tentaram atribuir-lhe. Continuou a atrair grandes audiências por todo o mundo, mas recusando qualquer

autoridade, não aceitando discípulos e falando sempre como se fosse de pessoa a pessoa. O cerne do seu ensinamento consiste na afirmação de que a necessária e urgente mudança fundamental da sociedade só pode acontecer através da transformação da consciência individual. A necessidade do autoconhecimento e da compreensão das influências restritivas e separativas das religiões organizadas, dos nacionalismos e de outros condicionamentos, foram por ele constantemente realçadas. K. chamou sempre a atenção para a necessidade urgente de um aprofundamento da consciência, para esse *“vasto espaço que existe no cérebro onde há inimaginável energia”*. Essa energia parece ter sido a origem da sua própria criatividade e também a chave para o seu impacto catalítico numa tão grande e variada quantidade de pessoas.

A Educação foi sempre uma das preocupações de Krishnamurti. Fundou várias Escolas em diferentes partes do mundo onde crianças, jovens e adultos podem aprender juntos a viver um quotidiano de compreensão da sua relação com o mundo e com os outros seres humanos, de descondicionamento e de florescimento interior.

Durante a sua vida, K. viajou por todo o mundo falando às pessoas, tendo falecido em 1986, com a idade de 90 anos. As suas palestras e diálogos, diários e outros escritos estão reunidos em mais de 60 livros.

Amigos de K., reconhecendo a importância dos seus ensinamentos, estabeleceram *Fundações* na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e na Índia, assim como *Centros de Informação* em muitos países do mundo, onde se podem colher informações sobre Krishnamurti e a sua obra. As Fundações têm carácter exclusivamente administrativo e destinam-se não só a difundir a obra de K. mas também a ajudar a financiar as escolas experimentais por ele fundadas.

# INFORMAÇÕES

Amigos,

Um ano após o último contacto, é com muita alegria que voltamos para vos trazer notícias do Núcleo Cultural Krishnamurti e outras notícias relevantes sobre o trabalho que várias pessoas e instituições têm desenvolvido noutros locais do mundo.

Bem hajam por aí estarem, a ler o que aqui escrevemos e a vivenciar a mensagem de K, esquecendo o homem que foi e questionando o que vemos espelhado quando com ele tomamos contacto.

Aguardamos pelo vosso precioso *feedback* e participação activa.

-

## NOTÍCIAS DO NÚCLEO K

### Nova Edição em Portugal

Temos o prazer de anunciar que finalmente mais um livro de Krishnamurti foi publicado em Portugal. O novo livro tem por título **COMENTÁRIOS SOBRE O VIVER** (*Commentaries on Living*), foi traduzido por Joaquim M. Palma, cofundador do Núcleo Krishnamurti de Portugal e foi publicado pelas Edições Mahatma (Tlm. 967319952; edicoesmahatma@mail.com; www.edicoesmahatma.com).



Este livro constitui o primeiro volume de uma série de três, cujos conteúdos foram organizados por D. Rajagopal a partir de textos de J. Krishnamurti retirados de diversos cadernos escritos ao longo da década de quarenta do século passado. A ideia para tal edição partira do escritor Aldous Huxley, amigo próximo de ambos. O trabalho, depois de editado, foi revisto pelo próprio autor. Grande parte dos leitores familiarizados com a obra deste autor considera estes três volumes o que de mais simples e compreensível Krishnamurti escreveu durante a sua vida. São compostos de uma escrita fortemente envolvente, com uma estrutura narrativa muito simples, espiritual mente profunda e séria, mas extremamente tocante e acessível ao homem comum, onde em duas ou três páginas o autor consegue explorar, em diálogo determinado tema que tenha sido trazido por cada ser humano que o procura e que se revele ser fundamental para o acto de viver. Temas como O Relacionamento com o Mundo, A Busca da Verdade, A Solidão Psicológica, O Condicionamento da Mente e outros, que têm a ver com a condição física e psicológica dos seres humanos, são postos a descoberto através de uma pesquisa partilhada tendo em vista a sua completa compreensão e consequente integração no todo que cada um é. A descrição de cada encontro com as pessoas é muitas vezes antecedida de uma introdução que expõe de uma forma poética e sensível o ambiente paisagístico e humano em que o diálogo vai ocorrer, o que é uma novidade na obra escrita de Krishnamurti.

## **Exibição de vídeos de Krishnamurti em Braga**

Nos dias 19 de Março e 16 de Abril de 2016 iremos exhibir dois vídeos de K em Braga, no Semente-Centro Macrobiótico de Braga (local onde existe um pequeno centro de informação). Há a possibilidade de jantar no local, pelo que agradecemos que nos contactem antecipadamente para confirmar a vossa presença.

-

Em Julho de 2015 estivemos presentes na **Reunião Internacional dos Comités Krishnamurti**, no Centro Krishnamurti em Brockwood Park, Bramdean, Inglaterra. Tivemos mais uma oportunidade de partilhar experiências, reflectir sobre a difusão dos ensinamentos de K em Portugal e no mundo e questionarmo-nos sobre o nosso próprio florescimento pessoal, assistindo a exhibições de vídeos de K e participando em reuniões de diálogo.

-

O novo sítio oficial deste Núcleo já se encontra disponível na internet – **[www.jkrishnamurti.pt](http://www.jkrishnamurti.pt)**. O anterior sítio - **[www.kfoundation.org/portugal](http://www.kfoundation.org/portugal)** -, alojado na Fundação Krishnamurti, deixará de funcionar muito em breve.

-

No anterior boletim anunciamos que se realizaria na zona do Gerês um **retiro de diálogo**, o que até à presente data não aconteceu. A dificuldade em organizar o mesmo prende-se com a escolha de um local que permita aos participantes o seu recolhimento num espaço individual e, ao mesmo tempo, a existência de um local exclusivo para o grupo, com condições para a exibição de vídeos e diálogos.

Neste momento, estamos a apontar a sua realização para o mês de Abril, e planeamos que ainda durante o mês de Janeiro seja possível reservar as instalações adequadas.

Fiquem atentos ao vosso correio electrónico e ao nosso *facebook* para mais actualizações.

-

Ao longo dos últimos seis anos o Núcleo Cultural Krishnamurti teve como responsáveis Ivone Apolinário e João Quintas, após a transferência física para a cidade de Braga. Têm sido anos de trabalho e de muitas experiências ricas na difusão de K e queremos que sejam muitos mais. No entanto, por várias razões do foro pessoal e profissional (uma delas é a criação do projecto de educação holística O MUNDO SOMOS NÓS em Braga que se encontra a dar apoio ao

estudo, a tempo inteiro, a crianças a partir dos 5 anos de idade), sentimos que temos tido, frequentemente, mais ambição do que capacidade para concretizar os objectivos que traçamos todos os anos. Por este motivo, gostaríamos de deixar aqui um apelo a todos aqueles que se interessam seriamente pela mensagem de Jiddu Krishnamurti, que nos deixou tanto material de vital importância nos dias que correm, para que se juntem a nós, nos ajudem nas variadas tarefas que temos de executar para manter o núcleo activo e dinâmico. Para além do apoio no funcionamento do Núcleo, julgamos ser essencial a criação de outros centros no nosso país. Iremos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que surjam em várias regiões de Portugal **Centros de Informação K**, os quais deverão ter total autonomia de funcionamento e de acção. Aguardamos por propostas consistentes nesse sentido. Ficamos gratos pelo vosso apoio e compreensão.

-

### **Actualização da lista de correio**

Por motivos financeiros, necessitamos saber qual é o número exacto de pessoas a quem vamos no futuro enviar o Boletim anual, para que, desse modo, se possam evitar desperdícios e despesas desnecessárias. Ao mesmo tempo, ficam também actualizados os contactos de cada leitor.

Recordamos que este boletim pode também ser encontrado na internet no novo sítio oficial deste Núcleo – [www.jkrishnamurti.pt](http://www.jkrishnamurti.pt) ou enviado por correio electrónico.

Assim, agradecemos que, caso esteja interessado(a), nos devolva logo que possível a respectiva folha solta que vai no Boletim. Pode também utilizar o correio electrónico ([nucleok@sapo.pt](mailto:nucleok@sapo.pt)), ou o telefone (965477360/969734650), referindo eventuais alterações nos contactos pessoais. Obrigado.

-

## **APOIAR O NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI**

Estamos a tentar adquirir novos materiais (livros, dvd's, etc.) para o **Centro de Documentação do NCK**, de modo a permitir a quem pretenda estudar mais profundamente a mensagem de K ter à sua disposição material actualizado, pelo que vamos continuar a precisar da preciosa e generosa ajuda de todos.

-

Continuamos muito empenhados na colaboração com a equipa de traduções brasileira para que mais DVD's tenham legendas em português e mais

textos de K fiquem disponíveis gratuitamente no sítio oficial **J. Krishnamurti Online** ([www.jkrishnamurti.org/pt](http://www.jkrishnamurti.org/pt)). Aguardamos que mais voluntários se juntem a nós.

-

Só nos tem possível distribuir gratuitamente o Boletim do NCK graças à generosidade de pessoas que compreendem a importância e a urgência dos ensinamentos de J. Krishnamurti. Mas quem não tem possibilidade de contribuir desta maneira, recebe igualmente o Boletim desde que mostre interesse nisso.

Para além dos leitores constantes da lista de correio, temos enviado esta publicação a associações de estudantes e de juventude, a organizações ambientais, bibliotecas e outros organismos culturais.

Se acha que este Boletim pode ter interesse para amigos, familiares, companheiros de trabalho, poderá pedir-nos o número de exemplares que julgue necessários.

De modo a facilitar o envio da ajuda destinada às despesas com o Boletim e à compra de material para o Centro de Documentação, sugerimos que o mesmo seja feito por transferência bancária para a conta da CGD com o NIB 003507210001784860024.

A todos os que, com os seus donativos, ou por outra forma, têm permitido que a tarefa de difusão dos ensinamentos de K. em língua portuguesa continue, o nosso muito obrigado. Bem hajam.

-

## OUTRAS NOTÍCIAS

Um novo livro sobre educação foi publicado pela Fundação americana (KFA) - **Unconditioning & Education Vol I - The Need for a Radical Approach**. O livro inclui conversas nunca antes publicadas de Krishnamurti com professores e pais antes da fundação da Escola de Oak Grove, em Ojai, na Califórnia.

-

Para ver a lista completa das novas edições de DVD's e MP3, por favor consulte a seguinte página da Fundação Krishnamurti (KFT):

**[www.kfoundation.org.uk/acatalog/NEW.html](http://www.kfoundation.org.uk/acatalog/NEW.html)**

-

No sítio da internet **[www.kinfonet.org](http://www.kinfonet.org)** é regularmente disponibilizada informação sobre retiros K na Europa e em todo o mundo.

-

## **CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO NÚCLEO KRISHNAMURTI**

O Centro de Documentação do NCK existe para servir as pessoas que se interessam seriamente pelo estudo do ensinamento de K. Pedimos a todos aqueles que pretendam utilizar espaço ou os recursos disponíveis, que nos contactem com a devida antecedência por e-mail ou pelos n.ºs de telemóvel 965477360 ou 969734650.

O Centro, devido a certas limitações objectivas, sendo a maior delas a falta de verbas para substituição, actualização ou aquisição de novos materiais, está vocacionado sobretudo para consulta no local. Quanto a empréstimos, não é possível a cedência de material audiovisual (CD's, DVD's, Áudio e Vídeo cassetes), pela degradação técnica ocasionada pelos diferentes equipamentos, e também por ser dispendiosa, para nós, a sua substituição em caso de dano ou extravio. Os livros a emprestar serão apenas aqueles que temos em duplicado, e mediante um depósito reembolsável.

Pedimos a compreensão dos nossos leitores quanto a estas limitações, mas elas destinam-se somente a contribuir para a preservação de um património que fomos construindo ao longo dos anos e que queremos deixar em boas condições à geração seguinte.

-



## **VOCÊS E O NADA SÃO UMA COISA SÓ**

Vocês não são nada. Podem ter o vosso nome e o vosso título, os vossos bens e a vossa conta bancária, podem ter poder e ser famosos; mas apesar de todas estas defesas vocês não são nada. Podem estar completamente inconscientes deste nada ser, ou podem simplesmente não querer estar conscientes dele; mas ele está lá, façam vocês o que fizerem para o evitar. Podem tentar escapar-lhe de diversas maneiras, através da violência pessoal ou colectiva, da veneração individual ou colectiva, do conhecimento ou da diversão; mas quer vocês estejam adormecidos quer estejam despertos, ele está sempre lá. Vocês só podem chegar à vossa relação com este nada ser e com o medo que ele provoca se estiverem conscientes das fugas de um modo que não inclui escolha. Vocês não estão relacionados com ele como uma entidade separada, individual; vocês não são o observador que o observa; sem vocês o pensador, o observador não existe. Vocês e o nada ser são um só; vocês e o nada ser são um fenómeno conjunto, não dois processos separados. Se vocês, o pensador, o receiam e se aproximam dele como algo contrário e oposto a vós, então qualquer acção que tomem em relação a ele conduzirá, inevitavelmente, à ilusão e dessa forma a mais conflito e sofrimento. Quando tem lugar a descoberta, a experimentação desse nada ser como sendo vós mesmos, então o medo - que só existe quando o pensador está separado dos seus pensamentos e portanto tenta estabelecer uma relação com eles – desaparece por completo.

*in A VIDA*

## VIVER SEM COMPARAÇÕES<sup>1</sup>

A velha construção bizantina estava transformada em mesquita. Era enorme. No seu interior, cantava-se o Corão; sentámo-nos ao lado de um mendigo, num tapete sob a gigantesca abóbada. O cântico era magnífico, ecoando no interior daquele vasto espaço. Ali não havia diferença alguma entre o pedinte e a pessoa bem vestida e de aparência próspera. No interior da mesquita não se viam mulheres. Os homens inclinavam as cabeças, murmurando para eles próprios. A luz entrava pelas vidraças coloridas, projectando desenhos no tapete. No exterior, viam-se muitos mendigos e pessoas pedindo coisas... Mais além, estava o mar azul, dividindo o Oriente do Ocidente.

-

Era um templo muito antigo. Ninguém sabia dizer realmente quantos anos tinha, e as pessoas gostavam de exagerar a antiguidade dos seus templos. Chegámos ali depois de termos percorrido estradas poeirentas ladeadas de palmeiras e de canais de água. As pessoas davam sete vezes a volta ao santuário e prostravam-se assim que passavam em frente da porta principal, através da qual se avistava uma imagem. Eram devotos, completamente mergulhados nas suas preces; e apenas aos Brâmanes era dada permissão de entrada no santuário. Havia morcegos e cheiro a incenso. A imagem estava coberta de jóias e de seda brilhante. As mulheres levantavam as mãos em prece e as crianças brincavam no pátio, gritando, rindo, correndo em volta dos pilares. Todos os pilares estavam esculpados; havia uma sensação de espaço e de solene dignidade; a luminosidade e o calor exteriores eram intensos, e lá dentro estava fresco. Alguns *saniasis* meditavam sentados, imperturbáveis à passagem das pessoas. Havia aquele peculiar ambiente criado por milhares de seres que, através dos séculos, ali vinham para rezar, prestar culto e fazer ofertas aos Deuses. Via-se um tanque com água e algumas pessoas tomavam banho nele. Era um tanque sagrado porque estava dentro do recinto do templo.

No santuário reinava a tranquilidade mas, no resto do lugar, que também era usado para oração, brincavam as crianças e as gerações mais velhas

---

<sup>1</sup> Esta selecção de textos foi retirada do boletim n.º 46 do ano de 2008, quando o NCK se encontrava ainda em Évora. Não resistimos a transcrevê-lo nos exactos moldes em que o encontramos, por nos parecer tão adequado ao tempo e momento actuais.

encontravam-se, sentavam-se e falavam das suas vidas. Jovens estudantes entoavam cânticos em sânscrito e, no findar da tarde, juntou-se cerca de uma centena de sacerdotes no exterior do santuário cantando em louvor de Deus. O canto ecoava pelas paredes, era um som maravilhoso. Por cima, do lado do sul, via-se o céu de um azul carregado, e eram belas as palmeiras à luz do anoitecer.

-

Aquela era uma imensa praça rodeada por uma colunata, em curva, de vários pilares e com uma gigantesca basílica e a sua enorme cúpula. As pessoas encaminhavam-se para o templo; turistas de todo o mundo assistiam, maravilhados, à missa que estava a decorrer; mas a atmosfera daquele lugar era fechada – muitos funcionários controladores, com vozes autoritárias. Aquele local tinha-se tornado num lugar de espectáculo. Havia um certo encanto nos rituais, nas vestes dos padres, mas tudo aquilo era criado pelo homem – a imagem, o latim e a estrutura da cerimónia. Tudo tinha sido feito pela mão e pela mente do ser humano, engenhosamente inventado para convencer qualquer pessoa da grandeza e do poder de Deus.

Caminhávamos através da paisagem rural inglesa, com os seus vastos campos agrícolas. Encontrámos faisões, e o céu era de um azul claro e havia aquela luz própria do amanhecer. O calmo e lento Outono estava a chegar. As folhas estavam a tornar-se amarelas e vermelhas e começavam a cair das altas árvores. Tudo esperava o Inverno, em silêncio, expectante, a sós. Como é diferente a Natureza na Primavera. Nessa altura, tudo irradia vida – a haste de erva e a nova folha. Os pássaros cantam e há o murmúrio de muitas folhas. Mas agora, mesmo sem brisa, com tudo em quietude, sente-se a vinda do Inverno, dos dias de chuva intensa, da neve e das rajadas do vento.

Ao caminharmos pelos campos, transpusemos uma vedação e chegámos a um bosque de muitas árvores e algumas sequóias. Ao entrarmos, sentimos, de repente, o silêncio absoluto do lugar. Nem uma folha se movia, era como se um encantamento tivesse caído sobre ele. A erva estava muito verde, brilhando à luz oblíqua do sol e, de um modo total, sentimos a presença do sagrado. Caminhámos através do bosque, quase sem respirar, com passos hesitantes. As hidrângeas e os rododendros estavam em plena floração, que durava vários meses; mas nada disso era *o essencial*; contribuía, sim, para uma bênção sobre aquele lugar. Ao abandonarmos o bosque, sentíamos que a nossa mente estava

completamente vazia, sem um único pensamento. Havia apenas esse vazio, nada mais.

Quando se perde a relação íntima com a Natureza, então as igrejas, as mesquitas, os templos tornam-se importantes.

-

O professor perguntou: “Como se pode impedir, não só no estudante mas também em nós, a obediência – tão cheia de competição e agressividade – às nossas próprias exigências? Até ao momento, já ensinei em várias escolas e universidades, e não apenas neste país; tenho reparado, ao longo da minha carreira de professor, na existência dessa competitividade agressiva. Começa a haver uma reacção a isto. Os jovens querem viver juntos, em comunidades, querem sentir o calor e o conforto do companheirismo a que eles chamam “amor”. Sentem que esse modo de viver é mais verdadeiro, tem mais significado. Mas também eles se tornam exclusivistas. Juntam-se aos milhares em festivais de música e, neste viver em grupo, partilham não só a música mas também o prazer que daí tiram. Parecem ser completamente promíscuos, dando-me a impressão de imaturidade e de superficialidade. Podem até estar contra a agressão competitiva, que ainda têm no sangue. Ela manifesta-se de muitas formas, das quais eles talvez não se apercebam. Tenho visto isto nos estudantes. Não aprendem pelo prazer de aprender mas, sim, pelo sucesso, pelo desejo de atingirem um objectivo. Alguns compreendem tudo isto, rejeitam-no e ficam à deriva. Não há grande mal quando eles são ainda jovens, com menos de vinte anos, mas depressa são apanhados, e esse andar à deriva torna-se em nova rotina.

“Tudo isto me parece superficial e fútil mas, lá no fundo, o homem está contra o homem. Isso observa-se na terrível competição, tanto no mundo comunista como nas chamadas democracias. Isso existe. Eu vejo isso em mim mesmo, como uma chama a arder, empurrando-me. Desejo ser melhor do que os outros, não apenas por prestígio e conforto mas para me sentir superior, para me afirmar. Este mesmo sentir também existe nos estudantes, embora estes possam ter ainda um rosto suave e delicado. Todos eles querem ser alguém. Isso vê-se nas aulas e cada professor compara A com B, pressionando o aluno B a ser igual ao A. Na família e na escola, é a mesma coisa.”

Quando se compara a pessoa B com a pessoa A, estamos, abertamente ou de uma forma escondida, a destruir a pessoa B. Esta passa a não ser importante porque temos na mente a imagem da A, que é intelectualmente mais hábil, brilhante, ao qual atribuímos um certo valor. A essência de toda esta competitividade é a comparação: compara-se um quadro com outro quadro, um livro com outro livro, uma pessoa com outra pessoa – o herói, o exemplo, o “princípio”, o ideal. Comparação é medição entre *o que é* e “aquilo que deveria ser”. Dão-se classificações ao estudante e, assim, forçamo-lo a competir consigo mesmo; e o triste fim de toda esta comparação são os exames. Todos os nossos heróis, sejam eles religiosos ou mundanos, existem devido a este espírito comparativo. Todos os pais, toda a estrutura social no mundo da religião, da arte, da ciência e dos negócios, são assim. A medição entre nós e os outros, entre os que sabem e os que são ignorantes, sempre existiu, e persiste na nossa vida quotidiana. Por que será que, psicologicamente, comparamos? Qual é a necessidade de medirmos? Será isto fugir de nós próprios, das nossas superficialidades, do nosso vazio e incapacidade? Este apego à medição entre o que somos e aquilo que seremos divide a vida, dando origem ao conflito.

“Mas nós temos de comparar. Isso acontece quando escolhemos esta ou aquela casa, esta ou aquela roupa. A escolha é necessária.”

Não se estava a falar de escolha superficial, onde ela é inevitável. Referíamo-nos à realidade psicológica, ao espírito comparativo que gera competitividade, com a sua agressividade e insensibilidade. Estamos a perguntar por que razão, como professores e seres humanos, temos esta mentalidade. Por que competimos e comparamos. Se não compreendermos isto em nós próprios, estaremos a encorajar a competição, consciente ou inconscientemente, no estudante. Estaremos a construir a imagem do herói – político, económico, ou moral. O homem “religioso” deseja fazer cair tantos recordes como o homem que joga *cricket*. De facto, não há grande diferença entre eles porque ambos fazem a mesma avaliação comparativa da vida. Se, seriamente, perguntarmos a nós mesmos por que comparamos e se é possível viver sem comparação, se investigarmos, não só intelectualmente mas *de facto*, e mergulharmos fundo em nós mesmos, pondo de lado a agressão competitiva, não será que iremos encontrar um receio profundo de não virmos a ser nada? Ao pormos diferentes máscaras, de acordo com a cultura e a sociedade em que se vive, tapamos o medo de “não ser” e também o de “não vir a ser”: o de virmos a ser algo melhor do que somos agora – algo mais além, mais “nobre”. Quando observamos aquilo

que realmente *é*, descobrimos que *isso é* também o resultado de um anterior condicionamento ligado à medição. Quando compreendemos o verdadeiro significado da medida e da comparação, então *o que é* é ultrapassado, libertamo-nos de *o que é*.

Depois de algum tempo, o professor afirmou: “Se não houver um estímulo à comparação, o estudante não estudará. Ele precisa de ser encorajado, incitado, elogiado, e de saber como está a ir o seu trabalho. Quando faz um exame, tem o direito de saber quantas respostas estão correctas e a que distância estão os seus conhecimentos daquilo que foi ensinado.”

Se me permitem salientar, direi que ele, o estudante, é como vós sois. Está condicionado pela sociedade e pela cultura em que vive. Cada um tem de aprender sobre a sua agressão competitiva que vem através da comparação e da medida. Estas podem produzir uma acumulação de conhecimentos, podem conseguir alcançar coisas, mas isso impede o amor e também a compreensão de si mesmo. A compreensão de si mesmo é, de longe, mais importante do que tornarmo-nos “alguém”. As palavras que usamos são elas próprias também comparativas – melhor, maior, mais nobre.

“Mas, devo perguntar: Como é que tanto o estudante como o professor avaliam os conhecimentos factuais de um assunto, sem o recurso a qualquer espécie de exame?”

Não será através do movimento quotidiano do ensinar e do aprender, através da discussão séria, da pesquisa, do estudo, que o professor se vai apercebendo do nível de conhecimentos factuais atingidos pelo estudante? Quer isto dizer que o professor tem de manter um olhar atento sobre o aluno, tem de observar a sua capacidade, tem de saber o que vai na cabeça do estudante. Isto significa que se tem de dar muita atenção ao estudante.

“Há tanto a transmitir ao estudante.”

O que queremos que o estudante aprenda? A viver uma vida não-competitiva? Vamos explicar-lhe o mecanismo da comparação e das suas consequências? Vamos só utilizar palavras e convencê-lo intelectualmente? Nós próprios podemos compreender intelectualmente, ou através da palavra, mas não será possível encontrar um modo de viver onde cesse toda a comparação? Como professores e seres humanos, têm de viver de acordo com esta maneira. Só então poderão transmitir o que quiserem ao estudante porque a verdade estará por detrás disso. Mas se assim não viverem, apenas estão a jogar com palavras, a que seguirá a hipocrisia. Viver interiormente sem medições nem

comparações só é possível quando cada um de nós está a aprender sobre todas as implicações resultantes da agressão, da brutalidade e da divisão trazidas pela inveja. Liberdade significa uma vida sem comparação. Mas, inevitavelmente, perguntareis: Que tipo de viver é esse, sem alto nem baixo, sem exemplos, sem divisão? Quereis uma descrição desse viver, para que, por intermédio da descrição, vos seja possível chegar a ele. Isto é outra forma de comparação e de competição. A descrição nunca é aquilo que é descrito. Temos de viver sem comparações, sem competição, e só então saberemos o que *isso* significa.

*in* BEGINNINGS OF LEARNING

-

## **O PENSAMENTO CONSTRÓI O “EU”**

As células cerebrais conservam a memória; é um processo material, nisto não há nada de sagrado. E o pensamento tem criado tudo o que temos feito: ir à lua e deixar lá uma bandeira ridícula; ir ao fundo do mar e viver lá; e toda a complicada tecnologia com todas as suas máquinas.

O pensamento é o responsável por tudo isso. O pensamento é também responsável por todas as guerras. Isto é tão óbvio que não tem de se pôr em questão. Os nossos cérebros dividiram o mundo em Inglaterra, França, Rússia, etc.. E o pensamento cria a estrutura psicológica do “eu”. O “eu” não é sagrado, algo divino. É apenas pensamento criando ansiedades, medos, prazeres, mágoas, dores, apegos, medo da morte. O pensamento constrói o “eu”, que é a consciência. A consciência é o que ela contém; a nossa consciência é o que nós somos: as nossas ansiedades, medos, lutas, desesperos, prazeres. Isto é muito simples, e é resultado do tempo. Suponhamos que ontem fui magoado psicologicamente; alguém me dirigiu palavras brutais e isso feriu-me e passou a fazer parte da minha consciência. Portanto, a consciência é o resultado do tempo. Quando perguntamos se o tempo pode parar, isso implica um total esvaziamento da consciência com o seu conteúdo. Se somos capazes de o fazer ou não, isso é outra questão.

*in* MEDITAÇÃO – A LUZ DENTRO DE NÓS

-

## A CRISE ACTUAL

*Pergunta:* O senhor afirma que não houve no passado nada parecido com a crise actual. De que maneira é esta crise excepcional?

*Krishnamurti:* É óbvio que a crise que atinge presentemente o mundo é excepcional, não tem precedentes. Tem havido crises de vários tipos em diferentes períodos da história, crises sociais, nacionais, políticas. As crises vão e vêm; surgem recessões económicas, depressões, que são modificadas, tendo depois continuidade sob uma diferente forma. Isto sabemos; este processo é-nos familiar. Certamente que a crise actual é diferente, não é? É diferente porque estamos a lidar, não com dinheiro nem com bens materiais, mas com ideação. A crise é excepcional porque ela se passa dentro do campo do idealismo. Estamos em luta suportando-nos em ideias, e assim justificamos o assassinio; por toda a parte estamos a justificar a morte do outro como um meio para se atingir um fim “correcto”, o que, em si mesmo, não tem qualquer precedente. No passado, o mal era reconhecido como mal, o homicídio como sendo apenas um homicídio, mas agora o matar alguém serve como meio para se atingir um resultado “nobre”. O assassinio, seja ele praticado por um indivíduo, ou por um grupo de pessoas, é aceite porque o criminoso, ou o grupo que representa, justifica-o como um meio de se conseguir um resultado que será benéfico para a humanidade. Isto é, sacrificamos o presente em nome do futuro – não importando os meios utilizados desde que os nossos propósitos declarados sejam os de produzirem um resultado que, afirmamos nós, vai ser bom para os seres humanos. Assim, pretende-se que um meio errado seja a causa de um resultado positivo, e justificamos os meios errados através de uma ideia. Nas várias crises que aconteceram no passado, a motivação era a exploração de materiais ou do homem pelo homem; actualmente, a motivação é a utilização de ideias, o que é mais prejudicial, muito mais perigoso, porque a exploração de ideias é extremamente devastadora e destruidora. Conhecemos presentemente o poder da propaganda, que é uma das maiores calamidades, ao usar ideias como meio para transformar o homem. É isto que está a acontecer no mundo hoje em dia. O homem não é importante – os sistemas, as ideias é que se tornaram importantes. O homem não mais tem qualquer significado. Podemos destruir milhões de seres humanos desde que isso produza um resultado, sendo esse resultado justificado ideologicamente. Possuímos uma

magnífica estrutura de ideias para justificar o mal e certamente que isso não tem precedentes. Mal é mal; ele não pode gerar o bem. A guerra não é um meio para se chegar à paz. A guerra pode produzir benefícios secundários, como aviões mais eficientes, mas não trará paz aos homens. A guerra é intelectualmente justificada como um meio para se chegar à paz; quando o intelecto tem a primazia na existência humana, ele cria uma crise nunca antes vista.

Há também outras causas que indicam que a crise não tem paralelo no passado. Uma delas é a extraordinária importância que o homem concede aos valores dos sentidos, à propriedade, ao nome, à casta, ao país, ao emblema que se usa. Somos, ou maometanos, ou hindus, ou cristãos, ou comunistas. O nome e a propriedade, a casta e o país tornaram-se predominantemente importantes, o que significa que o ser humano está prisioneiro dos valores sensoriais, dos valores das coisas, sejam elas fabricadas pela mente ou pelas mãos. As coisas feitas pela mão humana ou pela mente tornaram-se tão importantes que, em nome delas, matamos, destruimos, assassinamos. Estamos a aproximar-nos da beira do precipício; cada acção nos aproxima mais dele, cada acção política ou económica nos conduz mais ao precipício, arrastando-nos para um caótico e confuso abismo. Portanto, como a crise não tem precedentes, precisa também ela de uma acção nova. Para sairmos da crise é precisa uma acção *sem tempo*, uma acção que não se baseie em ideias, em sistemas, porque qualquer acção que se suporte em sistemas e ideias inevitavelmente conduzirá à frustração. Uma tal acção levar-nos-á de volta ao abismo só que por um caminho diferente. Como a crise é nova, a acção também tem de ser nova, o que quer dizer que a regeneração do indivíduo tem de ser *instantânea*, e não um processo temporal. Tem de acontecer *agora*, não amanhã, porque o amanhã é um processo de desintegração. Se pensar que amanhã vou transformar-me, estou a convidar a confusão, estou ainda dentro do campo da destruição. Será possível uma mudança *agora*? Será possível cada um transformar-se completamente no momento presente, agora? Digo que é possível.

A questão é que, como a crise tem um carácter excepcional, para nos confrontarmos com ela terá de haver uma revolução no campo do pensar; e esta revolução não pode acontecer por intermédio de outra pessoa, de qualquer livro, de qualquer organização. Ela terá de acontecer a partir de *cada um de nós*. Só então estaremos aptos a criar uma nova sociedade, uma nova

estrutura longe do horror presente, longe destas poderosas forças destruidoras que se estão a acumular; e essa transformação será uma realidade somente quando cada um de nós, como indivíduos, começarmos a estar atentos a nós mesmos em cada pensamento, em cada acção, em cada sentir.

*in A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE*

-

## **SENSIBILIDADE**

O jardim era encantador, com espaços rebaixados cobertos de relva e velhas e frondosas árvores. A casa era grande, tinha salas espaçosas, arejadas e bem proporcionadas. As árvores davam guarida a muitos pássaros e esquilos, e a fonte era frequentada por aves de todos os tamanhos, as vezes por águias, mas sobretudo por corvos, pardais e papagaios barulhentos. A casa e o jardim estavam isolados, o que era acentuado pelo facto de se situarem dentro de altos e brancos muros. Era agradável estar dentro daqueles muros; fora deles existiam o barulho da estrada e a aldeia. A estrada passava em frente ao portão, e mais além estava a aldeia, nos arredores de uma grande cidade. A aldeia tinha um aspecto horrível, com valas de esgoto abertas ao longo da sua estreita rua principal. As casas, cobertas de palha, tinham as escadas decoradas; as crianças brincavam no meio da rua. Alguns tecelões tinham esticado compridos cordões de fios de cores intensas, para fazerem tecido, e um grupo de crianças observava o seu trabalho. Era uma cena curiosa, viva, barulhenta e malcheirosa. Os aldeões tinham acabado de se lavar, e vestiam poucas roupas porque o clima era quente. Perto do fim do dia, alguns deles embebedavam-se, tornando-se barulhentos e brigões.

Apenas uma fina parede fazia a separação entre a casa e a aldeia palpitante de vida. Rejeitar a fealdade e aceitar só a beleza é ser insensível. O cultivo do oposto estreita sempre a mente e limita o coração. A virtude não é um oposto; e se ela tem um oposto deixa de ser virtude. Dar pela beleza daquela aldeia é também estar sensível ao verde e florido jardim. Só queremos o que é belo, e isolamo-nos daquilo que não é belo. Este afastamento só alimenta a insensibilidade e não contribui em nada para a apreciação da beleza. O bem não está no jardim nem afastado da aldeia, mas sim na sensibilidade que

existe para além de ambos. Rejeitar ou identificar-se leva à limitação, que é ser insensível. A sensibilidade não é uma coisa para ser cuidadosamente alimentada pela mente, com esta a dividir e a dominar. Há o bem e o mal; mas perseguir um e ignorar o outro não leva a essa sensibilidade que é essencial ao surgimento da Verdade.

A verdade não é o oposto da ilusão, do falso, e, se tentarmos abordá-la como sendo um oposto, ela nunca acontecerá. A Verdade só se mostra quando cessam os opostos. Condenar ou identificar-se alimenta o conflito dos opostos, e conflito só gera mais conflito. Um facto abordado não emocionalmente, sem rejeição ou justificação, não traz conflito. O facto, em si, não tem oposto, só passa a ter oposto quando existe uma atitude de agrado ou desagrado. Essa atitude é que constrói os muros da insensibilidade, destruindo a acção. Se preferirmos ficar no jardim, há resistência à aldeia; e onde existe resistência não pode haver acção, seja no jardim, seja na aldeia. Pode haver actividade mas não acção. A actividade baseia-se numa ideia, e a acção não. As ideias tem opostos; o movimento entre os opostos é mera actividade, prolongada ou modificada. A actividade jamais libertará.

A actividade tem um passado e um futuro, mas a acção não tem. A acção está sempre no presente, portanto é imediata. Reformar é uma actividade, não é acção, e aquilo que é reformado precisa sempre de mais reforma. Reformar é inacção, é uma actividade que nasce com um oposto. A acção acontece momento a momento e, por mais estranho que pareça, não há em si qualquer contradição; mas a actividade, mesmo aparentando não ter quebra, está repleta de contradições. A actividade revolucionária está crivada de contradições e, assim, ela nunca será capaz de libertar. O conflito, a escolha, jamais poderá ser factor de libertação. Se houver escolha, passa a existir actividade e não acção; pois a escolha baseia-se na ideia. A mente pode entregar-se à actividade, mas não pode criar acção. A acção brota de uma fonte completamente diferente.

A lua subia acima da aldeia, desenhando sombras através do jardim.

*in* COMENTÁRIOS SOBRE O VIVER

-

## LIVROS DE K. TRADUZIDOS E PUBLICADOS EM PORTUGAL

**O MUNDO SOMOS NÓS** – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

**CARTAS ÀS ESCOLAS** – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

**O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE** – Editorial Estampa

**O VOO DA ÁGUIA** – Editorial Estampa

**A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM** – Edições Itau (esgotado)

**MEDITAÇÕES** – Editorial Presença

**APRENDER A VIVER** – Livros de Vida Editores

**MEDITAÇÃO-A LUZ DENTRO DE NÓS** – Editora Dinalivro

**A VIDA** – Editorial Presença

**SERÁ QUE A HUMANIDADE PODE MUDAR?** – Editora Dinalivro

**O SENTIDO DA LIBERDADE** – Editorial Presença

**CARTAS A UMA JOVEM AMIGA** – Editorial Presença

**COMENTÁRIOS SOBRE O VIVER** – Edições Mahatma

Contactos das Editoras:

**Editora Livros Horizonte** - Rua das Chagas, 17, 1º, 1200-106 LISBOA;  
telef.213466917; [www.livroshorizonte.pt](http://www.livroshorizonte.pt);  
[geral@livroshorizonte.pt](mailto:geral@livroshorizonte.pt)

**Editorial Estampa** - Rua da Escola do Exército, 9, r/c Dto., 1169-090  
LISBOA; telef.213555663; [www.estampa.pt](http://www.estampa.pt); [estampa@estampa.pt](mailto:estampa@estampa.pt)

**Editorial Presença** - Estrada das Palmeiras, 59, Queluz de Baixo, 2730-  
132 BARCARENA; telef.214347000 ; [www.presenca.pt](http://www.presenca.pt);  
[info@presenca.pt](mailto:info@presenca.pt)

**Livros de Vida Editores** – R.. Francisco Lyon de Castro, Apartado 8,  
2725-354 MEM MARTINS; [www.europa-america.pt](http://www.europa-america.pt);  
[secretariado@europa-america.pt](mailto:secretariado@europa-america.pt)

**Editora Dinalivro** - Rua João Ortigão Ramos, 17 A, 1500-362 LISBOA;  
telef. 217122210; [www.dinalivro.pt](http://www.dinalivro.pt); [comercial@dinalivro.pt](mailto:comercial@dinalivro.pt)

**Edições Mahatma** - Tlm. 967319952; [edicoesmahatma@mail.com](mailto:edicoesmahatma@mail.com);  
[www.edicoesmahatma.com](http://www.edicoesmahatma.com).

*Os livros poderão ser encontrados em qualquer boa livraria ou encomendados às respectivas editoras.*

## **ESCOLAS KRISHNAMURTI**

### **ÍNDIA**

#### ***RISHI VALLEY EDUCATION CENTRE***

Internato

Idades 9 a 18

#### ***RAJGHAT EDUCATION CENTRE***

Internato

Idades 7 a 18

Escola feminina 19 a 21

#### ***THE SCHOOL – KFI***

Escola de Dia

Idades 4 a 18

#### ***THE VALLEY SCHOOL***

Escola de Dia e Internato

Idades 6 a 18

#### ***BAL-ANAND***

Escola de Tempos Livres  
para crianças

#### ***SAHYADRI SCHOOL***

Internato

Idades a partir dos 9 anos

### **INGLATERRA**

#### ***BROCKWOOD PARK SCHOOL***

Internato

Idades a partir dos 14 anos

Escola de Dia a partir dos 5 anos

### **E.U.A.**

#### ***THE OAK GROVE SCHOOL***

Escola de Dia

Idades 3/5 a 19

Internato-Idades 10 a 19

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados, mas podem ser consultados na página da Fundação K: [www.kfoundation.org](http://www.kfoundation.org).

# FUNDAÇÕES KRISHNAMURTI

## KRISHNAMURTI FOUNDATION TRUST

Brockwood Park - Bramdean, Nr. Alresford - Hants SO24 0LQ, REINO UNIDO

Telefone: 00 44 (0) 1962 771525, Fax: 00 44 (0) 1962 771159

e-mail: [info@kfoundation.org](mailto:info@kfoundation.org) | site: [www.kfoundation.org](http://www.kfoundation.org)

ÍNDIA - Krishnamurti Foundation India

E.U.A.- Krishnamurti Foundation of America

ESPAÑA/AMÉRICA LATINA - Fundación Krishnamurti Latinoamericana

## CENTROS (COMITÉS) INTERNACIONAIS

ÁFRICA DO SUL

AUSTRÁLIA

ALEMANHA

BÉLGICA

BRASIL

BULGÁRIA

CANADÁ

CHINA

COREIA DO SUL

DINAMARCA

EGIPTO

ESLOVÉNIA

ESPAÑA

FINLÂNDIA

FRANÇA

GRÉCIA

HOLANDA

HONG KONG

HUNGRIA

NORUEGA

INDÓNESIA

IRLANDA

ISRAEL

ITÁLIA

JORDÂNIA

MALÁSIA

MAURÍCIAS

NEPAL

NOVA ZELÂNDIA

NORUEGA

FILIPINAS

POLÓNIA

PORTUGAL

REPÚBLICA CHECA

ROMÉLIA

SINGAPURA

SRI LANKA

SUÉCIA

SUIÇA

TAILÂNDIA

TUNÍSIA

TURQUIA

UGANDA

Para além destes Centros Internacionais (Comités), outros centros de informação continuam a ser criados em alguns dos países acima referidos, bem como em países nos quais não existe qualquer comité. Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados mas podem ser consultados na página da Fundação K: [www.kfoundation.org](http://www.kfoundation.org).

## **NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI**

Rua Cândido Oliveira, 75, 4º dto trás

4715-012 BRAGA – PORTUGAL

Telefones: +351 965477360 | +351 969734650

E-mail: *nucleok@sapo.pt*

Sítio: *www.jkrishnamurti.pt*

Facebook: *facebook.com/nucleoculturalkrishnamurtiportugal*

*Distribuição gratuita*